

# A PAISAGEM CULTURAL A PARTIR DO ELEMENTO VEGETAL: O CASO DO SÍTIO HISTÓRICO DE OLINDA, PERNAMBUCO, BRASIL

*The cultural landscape as from the vegetable element: the case of the historic site of  
Olinda, Pernambuco, Brasil*

**Michele dos Anjos de Santana<sup>1</sup>**  
**Joelmir Marques da Silva<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>**Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA**  
**Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo**  
Rua Nilo Dornelas Câmara, 90/1002, Boa Viagem  
51021-400, Recife/PE  
michelesantana@gmail.com

<sup>2</sup>**Universidade Federal de Pernambuco**  
**Bolsista da CAPES**  
Avenida Ademar de Barros, 220, Timbi  
54774-395, Camaragibe  
joelmir\_marques@hotmail.com

## RESUMO

Este artigo objetiva colocar em discussão a importância do componente vegetal, como elemento fundamental no reconhecimento e caracterização de paisagens culturais. Outro foco é dar publicidade ao fenômeno observado no Bairro de Santa Tereza de Olinda, área pertencente ao Entorno do Polígono de Preservação do Sítio Histórico de Olinda (SHO), Pernambuco, Brasil, onde os quintais expressam a extrema semelhança florística em relação aos quintais das colinas do SHO: um fenômeno que descreve ser os quintais de Santa Tereza, não um tecido separado deste sítio, mas 'parte' de um 'todo'. Desta forma, o SHO passa a expressar as relações patrimoniais que vão além dos limites do objeto edificado, colocando em evidência a relevância que o elemento vegetal pode assumir enquanto objeto da leitura e compreensão de paisagens culturais, visto que o elemento arquitetônico pode conferir limitações no processo de desvelamento da Paisagem.

**Palavras-chave:** Leitura da paisagem. Elemento vegetal. Quintais. Santa Tereza de Olinda. Sítio Histórico de Olinda.

## ABSTRACT

This paper aims to put into discussion the importance of the vegetable as an essential component in the recognition and characterization of cultural landscapes. Therefore, give publicity to the phenomenon observed in Santa Tereza de Olinda, Buffer Zone to the Historic Site of Olinda's Polygon Preservation (SHO), Pernambuco, Brazil, where backyards express extreme floristic similarity in relation to the backyards of the hills SHO: a phenomenon that describes the backyards of Santa Tereza, not a separate fabric of the site, but are "part" of a "whole". Thus, the SHO becomes express patrimonial relations that go beyond the limits of the object built, highlighting the importance that the vegetable element can assume as an object of reading and understanding of cultural landscapes, as the architectural element can confers limitations in this process unveiling of Landscape.

**Keywords:** Landscape reading. Vegetable element. Backyards. Santa Tereza de Olinda. Historic Site of Olinda.

## 1 UMA PERSPECTIVA VERDE DA PAISAGEM CULTURAL

Ao longo do tempo, o registro da manifestação cultural do homem, em seu meio, tem sido estudado em diversas escalas urbanas. Entre elas, a paisagem se destaca como uma das escalas que permite abarcar um variado universo de elementos, problemáticas e interesses da vida social, para serem estudados e compreendidos. Objetos de registro das diversas expressões culturais, os elementos arquitetônicos despontam como ícone de representação, sendo, há longas datas, motivo de interesse cultural e do discurso conservacionista.

No entanto, a expressão e registro cultural do elemento vegetal ainda estão na periferia das discussões; fato que faz com que a participação do componente florístico, na construção da paisagem cultural ainda não seja devidamente explorada. Diante disto, é preciso por em discussão a leitura da paisagem a partir do elemento vegetal, na certeza de que, essa perspectiva é uma expressão concreta da identidade de uma paisagem cultural, podendo revelar processos que estão implícitos na paisagem e que os elementos de pedra e cal não poderão revelar.

Conforme Georges Bertrand (1972, 1978) em *'Le paysage entre la nature et la société'* e em *'Paisagem e geografia física global'*, é importante lembrar ainda que a paisagem não é simples adição ou somatória de elementos ou formas, ela é, antes, resultado de uma combinação dinâmica, um sistema de relações que são naturais/ecológicas e humanas (sociais, políticas e econômicas), que mantêm articulados vários pontos e lugares em um território. Segundo o autor, estudar a paisagem é, antes de tudo, um problema de método que envolve pensar de forma integrada as seguintes questões: i) Noção de Escala: como definir o recorte territorial da paisagem a partir da sua unidade orgânica? Isso implica em fenômenos de escala local ou regional? Como definir a escala do processo? ii) Cartografia da Paisagem: deve partir da compreensão de que toda delimitação é arbitrária, se considerarmos o caráter fluído e descontínuo dos fenômenos. A Cartografia da Paisagem coloca a necessidade de generalizações e de busca dos processos dominantes e/ou hegemônicos e de suas rupturas; e, iii) Taxonomia da paisagem: implica em pensar o processo-chave que define uma dinâmica em comum, que dá a unidade orgânica, uma combinação local e única de fatores. No entanto, é preciso considerar que há especificidades internas que definem subunidades menores, porém articuladas ao todo por relações espaciais e temporais.

Em conexão com as problemáticas abordadas por Bertrand, apresentamos o Sítio Histórico de Olinda (SHO), titulado no ano de 1982 pela *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) como Patrimônio Cultural e Natural da Humanidade. Desde as primeiras movimentações em direção da salvaguarda de Olinda como patrimônio cultural, o recorte territorial necessário ao acautelamento, mudou três vezes de dimensão, sempre se pautando nas escalas do fenômeno que se pretendia preservar. Diferentes titulações também foram pleiteadas para a cidade, colocando-a sob enfoques específicos, p.e., Monumento Nacional e Cidade Ecológica (BARRETO; LIRA, 2009).

Segundo as legislações vigentes no SHO, tanto no âmbito federal (Lei nº1155/79) quanto municipal (Lei nº4.849/92), a delimitação cartográfica considera primordialmente os aspectos relacionados aos atributos do casario destacando a sua relevância histórica, urbanística e artística. Dessa forma, é sobre a ótica do casario que as dimensões qualitativas do polígono do SHO foram analisadas, e, posteriormente setORIZADA.

Mesmo que as legislações patrimoniais vigentes, e até o parecer do tombamento divulgado pela UNESCO, enfatizem a dimensão simbólica dos elementos arquitetônicos, a importância do componente florístico na constituição do SHO sempre esteve presente entre os pareceres produzidos pelos técnicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) além das declarações dos intelectuais e estudiosos que guardavam uma relação especial com Olinda. Fato confirmado pelas palavras utilizadas pelo então Diretor Geral da UNESCO Amadou-Mahtar M'Bow, durante seu discurso na cerimônia de inscrição de Olinda na Lista do Patrimônio Mundial:

Olinda foi sempre, como para responder a uma misteriosa vocação, uma cidade de poetas, pintores, escultores, ceramistas, uma cidade de música e dança, em um cenário natural tão suntuoso que não sabemos se é preciso descrevê-la como um conjunto arquitetônico ornamentado de jardins ou como um parque tropical decorado de monumentos (M'Bow apud ABAD, 2011, p.14, grifo nosso) (Figura 1).

Na prática, tamanha relevância se desdobrou em um par de recomendações legais impeditivas de supressão das espécies vegetais, taxas de ocupação extremamente rigorosas para evitar o adensamento, além da delimitação de áreas não edificantes para manutenção da visibilidade das colinas (OLINDA, 1985, 1992). Nas entrelinhas destas determinações sobre a proteção dos elementos naturais da paisagem cultural de Olinda, podemos verificar que o elemento florístico assume uma importância relacionada com aspectos quantitativos da massa vegetal existente e, por vezes, enquanto moldura para o casario de interesse patrimonial.

É importante ressaltar que, durante o processo de tombamento do SHO, na década de 1980, a paisagem cultural ainda não existia como um bem patrimonial na UNESCO. Ela só veio surgir em 1992, quando se considerou a necessidade de valorização das relações entre o homem e o meio ambiente (RIBEIRO, 2007). Assim, o SHO foi tombado pela UNESCO na categoria de *Centro Histórico* fato que, por si só, imprimiu limitações aos desdobramentos legais e as posturas de preservação adotadas.



**Figura 1:** Vista parcial do Sítio Histórico de Olinda, em primeiro plano, casario entremeado na vegetação. Em segundo plano a Cidade do Recife.

**Fonte:** Silva (2012).

Em virtude destas limitações do processo de conhecimento, a expressão cultural relacionada aos aspectos qualitativos que o componente florístico imprimem na paisagem cultural olindense ainda está à margem do discurso preservacionista do SHO. Desta forma, importa-nos por em evidência as contribuições que o estudo do componente florístico pode trazer para a compreensão de especificidades e dinâmicas implícitas em paisagens culturais, dando-lhe uma perspectiva verde. Se a paisagem cultural pode ser entendida com “*el registro del ser humano sobre el territorio*” (SABATÉ, 2008, p.251) e esta abarca uma diversidade de manifestações dos tipos de interações entre a humanidade e seu meio ambiente natural (RIBEIRO, 2007), então o componente vegetal deve ser tomado como objeto que expressa a identidade de uma paisagem.

Retomando-se a afirmação de Georg Bertrand de que o estudo da paisagem envolve um problema de método (1972), acreditamos que o método de leitura da paisagem, de modo geral, tem se apresentado bastante incipiente no que compreende o levantamento das especificidades qualitativas do componente florístico da paisagem. Desta forma, faz-se necessário realizar uma leitura qualitativa da paisagem do SHO, a partir do elemento vegetal, na certeza de que processos, dinâmicas, relações espaciais e temporais podem estar implícitas e serem reveladas. Trata-se de fazer algo semelhante àquilo que Bertrand chamou de “taxonomia da paisagem”; que, neste estudo, enfoca a taxonomia do componente florístico.

## **2 VISÃO LEGAL DO POLÍGONO DE PRESERVAÇÃO DO SÍTIO HISTÓRICO DE OLINDA E SEUS DESDOBRAMENTOS**

A Lei nº 1155/79, denominada de Rerratificação do Polígono de Tombamento do Município de Olinda e seu Entorno, é a legislação federal destinada à preservação do SHO, considerando, segundo seu preâmbulo:

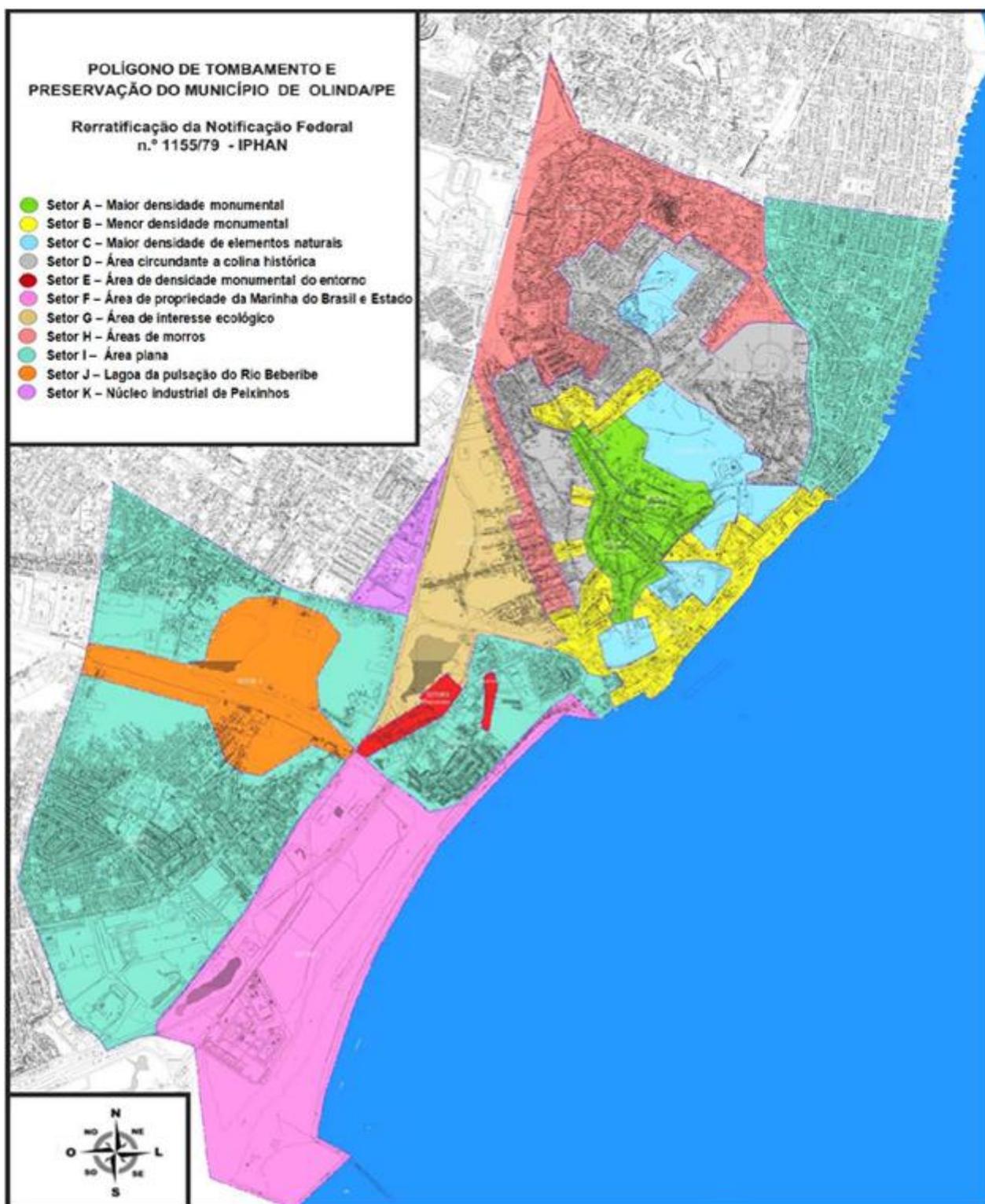
O objeto da preservação não só os monumentos e casario, mas também o meio-ambiente, a paisagem e primordialmente o homem, seus anseios e necessidades atuais em termos de habitabilidade e conforto ambiental (OLINDA, 1985, p.1).

Nas definições desta legislação, o Polígono de Preservação do SHO foi delimitado segundo duas grandes porções territoriais compreendendo uma área de tombamento e uma área de entorno (Figura 2). O Polígono de Tombamento abrange o território correspondente às colinas e sua paisagem imediata. A Área de Entorno abrange uma faixa que varia de 100 metros a 1,2km do território circundante do Polígono de Tombamento (OLINDA, 1985).

O Polígono de Tombamento é conformado por quatro setores que tiveram como critério básico para a delimitação de suas poligonais a densidade monumental ou de elementos naturais sobre o território. Desta premissa, definiu-se o Setor A como a área de maior densidade monumental, onde são proibidas novas construções e adições. O Setor B como área de menor densidade monumental do Polígono de Tombamento, tem diretrizes referentes à manutenção da visibilidade do conjunto urbano, e do padrão de ocupação urbano entre as novas construções e o casario da vizinhança, com fins à manutenção das características ambientais urbanas. Em ambos os setores, as definições legais relacionadas à área vegetada proíbem a supressão de árvores, desmontes e aterros para preservação da massa e tipologia do componente florístico.

Para esses setores importa também, nessa legislação, a manutenção dos aspectos estéticos dominantes no casario do SHO. Assim sendo, a legislação mergulha nas especificidades qualitativas dos elementos arquitetônicos sobre os quais se posiciona definindo uma série de restrições, como por exemplo:

Os materiais e técnicas usadas nas restaurações arquitetônicas deverão ser tradicionais [...] As coberturas dos edifícios deverão ser de telha canal, preferencialmente de produção artesanal. É vedado o uso de telhas onduladas e são proibidos tanques e torres de refrigeração em cima das coberturas; As instalações de elevadores não poderão refletir na fachada ou coberturas [...]. Nos edifícios sujeitos a restauração arquitetônica ambiental, além das fachadas, os revestimentos de paredes, pisos e forros de cômodos que se abrem para ruas, praças e pátios, devem ser tradicionais. [...] Aparelhos de ar condicionado só serão permitidos quando não se projetarem de forma prejudicial à arquitetura nas suas fachadas externas (OLINDA, 1985, p.3).



**Figura 2:** Polígono de preservação do Sítio Histórico de Olinda; Fonte: IPHAN, s/d.

**Ilustração:** Amaro Filho.

O Setor C corresponde à área de maior densidade de elementos vegetais, correspondendo aos espaços livres públicos (como a Praça do Carmo e o Sítio de Sr. Reis), aos grandes terrenos ajardinados pertencentes aos equipamentos religiosos instalados nas colinas e ao Horto D'el Rey, antigo jardim botânico de aclimação de plantas exóticas, hoje chamado de Sítio dos Manguinhos. Por seus contornos, este último subsetor é considerado uma área de proteção florestal. Para todos esses subsetores a legislação define que:

Qualquer interferência na área se sujeita a projetos especiais de ocupação e uso, tendo em vista a proteção da topografia, vegetação e paisagem; Só serão permitidas obras ou novas formas de ocupação que não impliquem em aterros, desmontes e/ou alterações de vegetação existente. Fica estabelecida a taxa mínima de ocupação de em 5% da área e gabarito máximo de 01(um) pavimento, com altura máxima de 3.00m (três) até o nível da platibanda [...] (OLINDA, 1985, p. 4).

O último setor do Polígono de Tombamento, o Setor D, refere-se à área circundante das colinas históricas, determinando diretrizes destinadas à manutenção da ambiência das colinas. Para tanto, alguns parâmetros urbanísticos foram considerados: manutenção de solo virgem em 30% da área do terreno, gabarito limitado a um pavimento, baixas taxas de ocupação variando entre aproximadamente 20% e 35% da área do terreno (OLINDA, 1985).

Para além deste perímetro de tombamento, encontra-se a Área de Entorno do Centro Histórico, que ocupa mais de 50% da extensão territorial do Polígono de Preservação do SHO. O Entorno está dividido em seis setores apresentando características bastante diversas entre eles. O Setor E, considerado a área de densidade monumental do Entorno, corresponde ao casario de Santa Tereza, da Rua Duarte Coelho e o Convento de Santa Tereza, que, por sua semelhança com outros trechos do casario da Área de Tombamento, recebem as mesmas recomendações do Setor B.

Os Setores H e I são conformados por faixas de território destinadas à manutenção da visibilidade da paisagem circundante da colina histórica. Ao que nos parece, em virtude da função que estes setores assumem por se assemelhar ao papel destinado ao Setor D (manutenção da ambiência), o legislador definiu parâmetros urbanísticos muito semelhantes entre os setores D, H e I. Destes, o mais permissivo é o setor I, onde é permitida construções com até 2 (dois) pavimentos, manutenção de solo virgem em 20% da área do terreno e taxas de ocupação de até 50% da área do terreno (OLINDA, 1985).

Dentre os setores da Área de Entorno, dois deles assumem um papel importante na preservação dos aspectos ambientais: o Setor F e G. A área correspondente ao Istmo de Olinda e o remanescente da várzea do Rio Beberibe foi delimitada para compor o Setor F, área de propriedade da Marinha do Brasil e do Estado de Pernambuco. Este setor foi definido como Área Não Edificante, por guardar aspectos naturais bastante característicos da vegetação local – uma faixa de Mata Atlântica. Já o Setor G, a Lagoa de Santa Tereza e seu entorno imediato, é definido como área de interesse ecológico, “não sendo permitidos parcelamentos, obras ou construções que impliquem em aterros, alterações da vegetação ou qualquer modificação da área, em prejuízo do seu ecossistema” (OLINDA, 1985, p.6).

Por fim, o Setor K, área correspondente ao Núcleo Industrial do Bairro de Peixinhos, recebeu restrições relacionadas aos parâmetros urbanísticos que consideravam mais a manutenção da visibilidade do conjunto histórico do que as relações de densidade construtiva, os cheios e vazios urbanos. Assim, os projetos para esta área deverão guardar o gabarito máximo de dois pavimentos, sendo, neste setor, possível a construção de alturas máximas com até oito metros, além da manutenção de uma taxa de ocupação de 40% da área do terreno, com 10% de solo virgem (OLINDA, 1985).

Conforme a visão geral oferecida acima, apesar de reconhecer a importância dos elementos naturais que fazem parte da paisagem de Olinda, a legislação de preservação do SHO oferece mais recomendações e proibições relacionadas à manutenção de aspectos quantitativos da massa vegetal, expressos pela redação de seus artigos, que pouco discorre sobre o caráter estético e cultural relacionado às espécies vegetais existentes no Sítio.

Desta forma, o dispositivo legal ainda é muito rudimentar sobre a manutenção dos aspectos qualitativos do componente florístico, que devem ser melhor explicitados para que a conservação do elemento vegetal seja dada não apenas pela massa verde existente, mas pelas qualificações que ela atribui ao sítio na sua expressão cultural.

### 3 A LEITURA DA PAISAGEM DO SÍTIO HISTÓRIO DE OLINDA A PARTIR DO COMPONENTE VEGETAL

O padrão qualitativo da vegetação dos quintais de Olinda deve-se, em grande parte, à influência exercida pelo Jardim Botânico - também denominado de Jardim de Aclimação das Plantas Exóticas de Olinda ou Horto D'el Rey e hoje Sítio Manguinhos - implementado em 1811. Uma constatação do fato são os relatos, em 1817, de Louis-François de Tollenare, comerciante francês, interessado em Botânica, e do botânico escocês George Gardner, em 1837, quando descrevem a paisagem de Olinda:

O jardim de Olinda estende-se sobre o pendor de dois outeiros, que se prestam quase que a todas as exposições. Os cumos [cume] são secos e áridos, e o fundo está habitualmente alagado, o que é ainda uma boa circunstância; mas o terreno estéril é demasiado arenoso; tem muito pequena superfície, apenas quatro geiras: estes são os defeitos (TOLLENARE, 1978, p.132-133 apud RODRIGUES et al., 2006).

Nas colinas áridas e cobertas de moitas destes arredores encontra-se em grande abundância uma árvore frutífera e agreste, que os brasileiros chamam Mangaba a *Hancornia speciosa* dos botânicos (GARDNER, 1942, p 69-70 apud RODRIGUES et al., 2006).

Recuando na história, veremos que, dentre a função de aclimatar a vegetação, oriunda principalmente da Europa, Índia e África, o horto destinou-se também, conforme Koster (1978), a criar plantas exóticas e distribuí-las às pessoas que tinham o desejo e que eram capazes de mantê-las.

De acordo com Rodrigues et al. (2006), inúmeras foram as espécies distribuídas pelo Jardim Botânico de Olinda, tanto para instituições quanto para qualquer cidadão comum que viesse a se interessar pelas plantas exóticas, plantadas nas dependências do horto.

A distribuição das mudas para os cidadãos era realização corriqueira no horto. Assim, várias espécies como sapoti, fruta-pão, caneleiras, cacauzeiros, palmeiras-reais, chá-da-índia, ciprestes, açais, babosas, groseleiras, pinheiras, bilimbis, amendoeiras, jambeiros, nogueiras-de-Bancur, cafês, ubaias, mangabeiras, artium-apé, amariles, beladonas, caramboleiras, caneleira, bananeira, fruta-do-conde, cana-caiena, algodoeiro, gengibre, abacateiro, entre muitas outras, foram povoando os quintais olindenses daquela época. Com essa intensa distribuição, o horto ganhou destaque no processo de enriquecimento cultural e econômico do Nordeste, sobretudo em Pernambuco.

A distribuição de espécies exóticas aos cidadãos, que foram plantadas principalmente nos quintais, ocasionou um processo de transformação na paisagem de Olinda. Tal constatação foi discutida em 1983 por Melchiades Montenegro Filho (apud NOVAES, 1990, p.31), no momento do Ciclo de Estudos 'Olinda Patrimônio Mundial' onde relatou:

A paisagem olindense pouco tem de sua primitiva identidade; foi modificando-se aos poucos pela ação do homem que aí introduziu essências exóticas. Isso ocorreu principalmente na época da colonização, com maior incidência de vegetais indus. Hoje temos na natureza vegetal olindense mais caracteres indus que brasileiros. Esses vegetais estão em maior percentagem na paisagem que nossas fruteiras nativas [...] transformando Olinda numa nova Goa.

Entende-se por Olinda o território representado pelas sete colinas que se erguiam ao Norte das várzeas do Rio Beberibe da primitiva vila colonizada pelos portugueses, hoje correspondente ao trecho considerado como Polígono de Tombamento. Atualmente, em grande parte do SHO, observa-se um padrão florístico que corresponde ao processo de aculturação decorrente do

Jardim Botânico, o que imprimiu a identidade da Paisagem Cultural de Olinda em relação à vegetação dos quintais.

A vegetação representativa do SHO corresponde, em sua maioria, por espécies como *Persea americana* (abacateiro), *Mangifera indica* (mangueira), *Artocarpus altilis* (fruta-pão), *Cocos nucifera* (coqueiro), *Manilkara zapota* (sapotizeiro), *Terminalia catappa* (coração-de-negro), *Musa paradisiaca* (bananeira), *Spondias tuberosa* (cajazeira), *Psidium guajava* (goiabeira), *Punica granatum* (romanzeira), *Syzygium malaccense* (jambeiro), *Artocarpus heterophyllus* (jaqueira) e *Syzygium jambolanum* (azeitoneira), como se pode ver na Figura 3.

Os aspectos qualitativos da vegetação presente nos quintais, ora estabelecidos na primeira metade do século 19, vêm se mantendo por moradores tradicionais do SHO, comprovado por visitas *in loco* e pelos depoimentos dos moradores que afirmam ser feita a reposição da vegetação respeitando-se as espécies que lá existiam (Figura 4). Tal consciência é fundamental para a manutenção da identidade da paisagem olindense e deve ser difundida em todo o Sítio.



**Figura 3:** Diversidade florística dos quintais pertencentes ao Setor A – Polígono de Tombamento. Observam-se exemplares, p.e., de coqueiro, jambeiro, coração-de-negro e fruta-pão.

**Fonte:** Silva (2012).



**Figura 4:** Diversidade florística do quintal do imóvel nº. 119, na rua de Santa Teresa; Setor E – Área de Entorno do Polígono de Tombamento.

**Fonte:** Silva (2012).

Contudo, existem áreas do SHO que já estão perdendo a característica do maciço vegetal, pela adição de espécies exógenas ao conjunto de que caracteriza o sítio histórico. Tais espécies, em sua maioria arbustiva e herbácea, são usadas como motivo de ajardinamento/embelezamento e estão localizadas, geralmente, na frente do casario, não havendo um diálogo dessas partes com o todo (Figura 5).



**Figura 5:** Plantas ornamentais nos quintais da Rua Bispo Coutinho, Setor A – Polígono de Tombamento.

**Fonte:** Joelmir M. Silva, 2012.

Outro forte motivo que está ameaçando a identidade da vegetação do SHO é a retirada de indivíduos arbóreos dos quintais com motivo de “estender a área construída do casario, principalmente devido à turistificação, de forma a atender as demandas de hospedagem durante o carnaval, fato que vem atingindo a volumetria e a tipologia do casario”.

É importante ressaltar que, segundo a Lei Federal nº 1155/79, destinada à preservação do SHO, não é permitido cortes de árvores, desmontes e aterros tendo em vista a preservação da topografia e verde existente. Esta recomendação refere-se especialmente a área de tombamento do polígono onde há uma maior densidade monumental.

Os quintais estão ligados intimamente ao casario e tem uma relação direta com o homem, propiciando o contato com a Natureza.

A justaposição vegetal, certas associações e agrupamentos trazem uma expressão artística do ponto de vista jardinstico e segundo Oliveira (2010) a vegetação que reveste trechos do primitivo núcleo acentua com exuberância a noção de conjunto paisagístico do lugar (Figura 6).



**Figura 6:** Visada do Sítio Histórico de Olinda com seus quintais densamente ajardinados pela vegetação arbórea e palmeiras. Em primeiro plano, Igreja da Sé e ao fundo, lado direito, a Igreja do Carmo. Setor A – Polígono de Tombamento.

**Fonte:** Silva (2012).

No SHO, vemos plantas vistosas de coloridos vibrantes, luminosos e intensos, onde as florações e os frutos despertam no visitante um prazer visual que varia constantemente pela renovação inerente do vegetal, bem como pelas mudanças das estações. Esta instabilidade é de extrema importância, pois confere um caráter peculiar. No componente florístico existe a dominância de uma cor – do verde escuro; a ocorrência de um determinado ritmo, onde se destaca a verticalidade da vegetação em oposição à horizontalidade do casario (Figura 7). A vegetação dá um caráter marcante, de textura e forma diversa.



**Figura 7:** Verticalização da vegetação em relação ao casario. Setor A – Polígono de Tombamento.

**Fonte:** Silva (2012).

A distribuição dos maciços vegetais, e a analogia, bem como a frequência rítmica de cor e forma, as repetições, as justaposições, a oposição pelo contraste de uma mesma nuance da cor, pela diferenciação de volumes que se dá principalmente pela diversidade vegetal em seus diferentes extratos (arbóreos, palmeiras e arbustos), imprimem uma identidade a Paisagem de Olinda diante do agrupamento de indivíduos certa de mesma espécie. Por estas características obtêm-se coerência plástica, a partir da cor das flores, da textura das folhas ou até mesmo da arquitetura das copas das árvores.

A quantidade de indivíduos arbóreos nos quintais propicia ao SHO uma condição peculiar, no que se refere à temperatura e umidade do ar, que se sobressai da área construída, seja do casario ou da impermeabilização do solo pelas construções e pavimentação. A vegetação, em sua maior parte, possui indivíduos com copas globosa, em forma de tufos, corimbiformes que dão aos quintais um aspecto úmido, sombrio, entremeados por raios solares.

A dimensão ecológica, estética e patrimonial nas parcelas não edificadas pressupõe que o habitante reeduque o olhar. Em todo processos de tombamento, os quintais eram vistos, não simplesmente como uma mera reunião de vegetais frutíferos ou pomares. Mas sim como verdadeiros jardins. Essas características fazem com que Michel Parent, consultor internacional da UNESCO, afirme que a “feição esparsa do tecido urbano de Olinda deve ser absolutamente preservada. Olinda não é uma cidade é um jardim entremeado de obras-primas de arte” (DELGADO, 1974 apud BARRETO; LIRA, 2009,p.4).

Os jardins são tidos como ilhas de felicidade e plenitude (LAROZE, 1990), assim como acontece no interior das hortas e dos pomares de Olinda. Nesses recantos, segundo Oliveira (2010, p.1):

O isolamento e a quietação são fundamentais para o estabelecimento do contato mais direto com a dimensão qualitativa do espaço, despertando-nos a consciência a

respeito da continuidade e da totalidade da forma urbana. A percepção das sonoridades, juntamente com o aroma exalado de flores e frutos, dentre outros atributos das hortas e dos pomares, ajuda-nos a compreender a espacialidade da ‘urbe’ colonial, que não deve ser entendida somente por meio de seus fragmentos ou dos edifícios preservados.

A designação de ‘jardim’ constantemente usada para referenciar os quintais de Olinda, pode assumir perfeitamente a dimensão de ‘jardim histórico’ frente à importância histórica dos elementos arquitetônicos e vegetal que o sítio possui. Um jardim histórico, segundo a Carta de Florença (1981, p. 253) é uma: composição arquitetônica e vegetal que, do ponto de vista da história ou da arte, apresenta um interesse público. Como tal é considerado monumento (Art.1).

Além dessa dimensão, o IPHAN, mediante a Carta dos Jardins Históricos Brasileiros *dita* Carta de Juiz de Fora (2010) considera como jardim histórico:

[...] os sítios e paisagens agenciados pelo homem como, por exemplo, jardins botânicos, praças, parques, largos, passeios públicos, alamedas, hortos, pomares, quintais e jardins privados e jardins de tradição familiar. Além desses, jardins zoológicos, claustros, pomares, hortas, cultivos rurais, cemitérios, vias arborizadas de centros históricos, espaços verdes circundantes de monumentos ou de centros históricos urbanos, áreas livres e espaços abertos em meio à malha urbana, entre outros (CARTA DE JUIZ DE FORA, 2010, p. 2, grifo nosso).

A categoria de jardim histórico se fortalece, ainda mais, com a introdução do conceito de paisagem cultural no âmbito do patrimônio histórico-cultural na reunião do Comitê de Patrimônio Mundial da UNESCO em 1992 (SÁ CARNEIRO; SILVA; MENESES, 2013). No referido documento, o jardim está na categoria de paisagens culturais criadas, intencionalmente, pelo homem. Assim, do ponto de vista dos quintais, Olinda se configura como um verdadeiro jardim histórico de dimensões urbanas.

Ao nos afastarmos do Polígono de Tombamento e percorrermos os bairros localizados no entorno das colinas históricas, dois fenômenos distintos, nos caracteres do componente florístico são observados. Ao Norte e Nordeste das Colinas, a vegetação apresenta um aspecto desassociado devido à introdução de espécies ornamentais, em sua maioria, nos jardins na frente do casario e na arborização urbana (Figura 8). São espécies como, *Cyca circinalis* (cica), *Megaskepasma erythrochlamys* (capota-vermelha), *Agave angustifolia* (agave), *Philodendron bipinnatifidum* (filodendro), *Agave americana* (piteira-azul), *Tecoma stans* (ipê-de-jardim), *Opuntia littoralis* (palma), *Ficus benjamina* (Ficos-beijamina), *Yucca elephantipes* (iuca), *Hibiscus rosa-sinensis* (panpoula), *Thuja orientalis* (árvore-chinesa-da-vida) *Dracaena fragrans* (dracena), *Plumeria rubra* (jasmim-manga-vermelho), todas amplamente usadas no paisagismo e, em alguns casos potenciais, para a prática da topiaria.

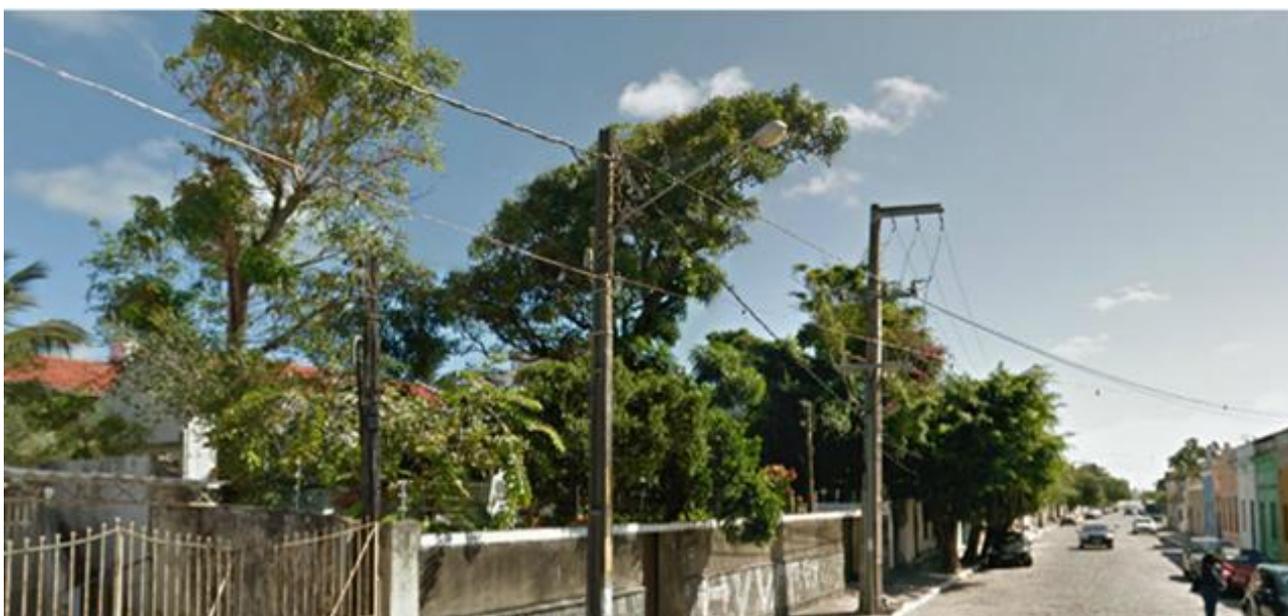
Ao Leste das Colinas, a composição florística dos quintais assume uma feição heterogênea que se assemelha tanto ao caráter da vegetação da colina como assume um novo padrão que também é encontrado na arborização viária. São espécies como *Anacardium occidentale* (cajuzeiro), *Terminalia catappa* (coração-de-negro), *Cocos nucifera* (coqueiro). Além dessas, encontra-se uma diversidade de espécies arbustivas empregadas no ajardinamento (Figura 9).

A Oeste, no bairro de Guadalupe, ainda dentro do Polígono do Tombamento, percebe-se que o fenômeno apresentado na maioria dos quintas, referente à composição florística, está desassociada do sítio histórico, além de um intenso processo de adensamento construtivo que impede a existência dos quintais. Neste lugar as espécies como *Dypsis lutescens* (palmeira-areca), *Bougainvillea glaba*, *Bougainvillea spectabilis* (primavera) e *Araucaria heterophylla* (pinheiro-do-pará) dão um novo caráter ao bairro (Figura 10).



**Figura 8:** Panorama da vegetação viária (lado esquerdo) e dos quintais (lado direito) na Rua Ubaldino de Miranda. Setores H e D – área de Entorno do Polígono de Tombamento.

**Fonte:** Silva (2012).



**Figura 9:** Arborização dos quintais da Orla, a Leste da Colina. Setor B - Polígono de Tombamento.

**Fonte:** Silva (2012).



**Figura 10:** Panorama da vegetação viária (lado esquerdo) e dos quintais (lado direito) na Rua Ubaldino de Miranda. Setores H e D – área de Entorno do Polígono de Tombamento.

**Fonte:** Silva (2012).

Nos bairros Umuarama e Milagres, localizados na porção Sudeste das colinas, dois padrões distintos concernentes à identidade da vegetação dos quintais destacam-se. Em Umuarama, a composição florística não apresenta nenhuma relação com o Polígono de Tombamento, já em

Milagres (Figura 11), mesmo com baixa diversidade de espécies, a relação se mantém, apesar de que, a área já apresenta transformação dos aspectos qualitativos, em virtude da presença de espécies exógenas.



**Figura 11:** Quintais do Bairro dos Milagres. Setor B – Polígono de Tombamento.

**Fonte:** Silva (2012).

Ao sul das colinas, encontramos o bairro de Santa Tereza (Figura 12), onde podemos destacar um fenômeno bastante particular no plano dos quintais: neste lugar encontraremos uma área bastante vegetada, com predominância de espécies arbóreas, com estreita semelhança florística, com os quintais da colina do SHO. No entanto, no que se refere à legislação relacionada à constituição do Polígono de Preservação do SHO, o Bairro de Santa Tereza está incluído na Área de Entorno, que, em linhas gerais, assume a função de manutenção da visibilidade de paisagem e amortecimento do crescimento urbano ao redor do SHO. Santa Tereza é, portanto, uma área de proteção da paisagem da colina.



**Figura 12:** Arborização dos quintais da Orla, a Leste da Colina. Setor B - Polígono de Tombamento.

**Fonte:** Michele Santana (2012).

Visto a partir do componente vegetal, o agrupamento da expressão florística oferece um novo desenho para o SHO, que foi esquematicamente elucidado na Figura 13.



- Quintais com a mesma composição florística da identidade da paisagem do SHO.
- Quintais com elementos florísticos semelhantes e espécies exógenas à paisagem do SHO.
- Quintais totalmente desassociados da composição florística da identidade da paisagem do SHO.
- Remanescente de Floresta Atlântica, Restinga e Manguezal.

**Figura 13:** Agrupamento das áreas do polígono de preservação do sítio histórico de Olinda – PE pela similaridade florística.

Apesar da composição florística apontar para uma desenho de paisagem cultural similar ao desenho que foi feito para o Polígono do Sítio Histórico, na legislação de tombamento, qualitativamente este polígono recebe distinção quanto ao tratamento das áreas que o conforma. De acordo com a similaridade florística, o registro cultural do processo de ajardinamento nos quintais da Vila de Olinda está expresso de maneira autêntica em áreas tanto consideradas de densidade

monumental quanto de entorno. Ou seja, a partir da leitura da paisagem dada pelo componente vegetal, observamos que há uma extrema semelhança entre áreas que foram consideradas distintas neste Polígono sob o ponto de vista dos elementos arquitetônicos.

Quanto ao fato de que trechos do Polígono do SHO apresentam uma composição florística totalmente desassociada da identidade da paisagem do SHO (a exemplo dos bairros ao extremo Nordeste e Sudoeste da Colina) esta constatação reflete o fato de que estas áreas são fruto de um processo de urbanização bastante recente, com cerca de dois séculos e meio de distanciamento da colonização e arborização da Vila de Olinda.

Desta forma, o SHO passa a expressar relações patrimoniais que vão além dos limites do objeto edificado, colocando em evidência, a relevância que o componente vegetal pode assumir enquanto elemento de leitura e compreensão de paisagens culturais. Tal compreensão pode ser fragilizada se a paisagem em análise não possuir densidade monumental ou se o objeto edificado estiver comprometido nos seus aspectos de integridade ou autenticidade.

O que este estudo comprova é que a leitura da Paisagem Cultural dada pelo objeto arquitetônico não é suficiente para promover a leitura de uma paisagem cultural e que, através de pesquisas do componente vegetal, novos processos culturais podem ser compreendidos, e novos desenhos de Paisagem poderão surgir.

Assim sendo, apesar de reconhecer o valor e relevância que a vegetação dos quintais imprime na Cidade de Olinda, a leitura dada pelos especialistas no momento do tombamento do SHO foi dada através do objeto arquitetônico e urbanístico, ocultando uma identidade existente na paisagem histórica de Olinda. O valor cultural que as características da vegetação dos quintais têm para esta composição do SHO ainda é pouco reconhecida, frente à exacerbação do valor histórico e cultural que a materialidade do casario atesta.

#### **4 PROCESSOS IMPLÍCITOS NA PAISAGEM: O CASO DE SANTA TEREZA DE OLINDA<sup>2</sup>**

O bairro Santa Tereza está localizado em uma região de planície, marcando uma nova forma de urbanização na antiga Vila de Olinda. Surgiu na paisagem olindense ainda no século 17, e foi se consolidando ao longo de 250 anos. Por fim, nos dias atuais, o que se observa é uma área de conformações diversas no que se refere ao histórico de ocupação, malha viária, tipologias arquitetônicas, padrões de ocupação, legislações urbanísticas e áreas patrimoniais (Figura 14).



**Figura 14:** Vista aérea do bairro de Santa Tereza e entorno imediato.

**Fonte:** Google Earth, 2012; ilustração de Michele Santana.

Talvez seja por essa diversidade estilística e urbanística que o bairro de Santa Tereza não foi considerado, durante o processo de tombamento de Olinda como uma área que guardasse

relações tão estreitas com o processo cultural observado nas colinas, referente ao ajardinamento dos quintais.

Parte do território de Santa Tereza configura-se como uma área de interesse ecológico, que possui mecanismos de controle urbanístico em níveis municipal e federal. Em nível municipal, encontraremos dispositivos legais para a proteção do casario de Santa Tereza na Legislação Urbanística Municipal (Lei 4849/1992), que inscreve ruas específicas e o Convento de Santa Tereza como Zonas Especiais de Preservação Cultural (ZEPC), devido à presença do casario de interesse histórico e arquitetônico. O bairro ainda apresenta um Setor de Preservação Ambiental (ZEPC3/SPA) caracterizado como área não edificante atuando como faixa de transição para fins de proteção do meio ambiente urbano e natural às ruínas do Forte do Buraco.

Em pesquisa realizada no bairro de Santa Tereza, para apreensão das qualidades ambientais do lugar, novos aspectos relacionados aos elementos que compõem a paisagem foram desvelados. Destacando os quintais de Santa Tereza, constatou-se a existência de área bastante arborizada, marcada pela presença de espécies arbóreas com copas fartas de folhas que protegiam os oitões das casas do calor do sol e da luz forte (Figura 15).



**Figura 15:** Vistas dos quintais de Santa Tereza.

**Fonte:** Michele Santana (2011).

São pés de azeitoneira, de fruta-pão, mangueiras, jambeiros, cajueiros, que não só fornecem sombra, mas que transformam os quintais em um verdadeiro pomar. A diversidade das espécies vegetais torna os quintais de Santa Tereza um cenário de vivência sempre novo. Uma ciranda de cores, cheiros e sabores que se revertem ao longo do ano. O cajueiro e o coqueiro existentes trazem a presença das praias do Nordeste do Brasil para dentro de Santa Tereza, lembrando que essa massa vegetal está formada sob a faixa litorânea. A densidade das copas, a folhagem de cor verde-escura e a rugosidade dos caules e folhas formam um conjunto de características que impedem que a luz passe com facilidade, transformando os quintais em ambientes também escuros e frios.

Assim, Santa Tereza é um representante legítimo da problemática enfrentada neste artigo e exemplifica a necessidade de considerar as especificidades internas da Paisagem para compreender as relações espaciais e temporais entre subunidades e o todo, conforme anunciado por Bertrand (1972, 1978). Bem prazeroso é poder constatar que os quintais de Santa Tereza não expressam um fenômeno em particular no tecido da cidade, mas são “parte” de um “todo” representado pelos quintais das colinas do Sítio Histórico de Olinda. Santa Tereza se apresenta, na prática, como um representante dos processos implícitos na paisagem olindense.

## NOTAS

<sup>1</sup>Palavras proferidas pelo palestrante André Pina, arquiteto, no momento do Seminário sobre a Cobertura Vegetal na Paisagem do Sítio Histórico de Olinda, realizado pela Prefeitura de Olinda e IPHAN, em 04/10/2011.

<sup>2</sup>Parte da Dissertação de Mestrado da primeira autora intitulada “A essência do lugar em Santa Tereza de Olinda: um estudo sobre identidade de lugares urbanos à luz de Norberg-Schulz” defendida no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano (MDU) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 2012.

## REFERÊNCIAS

ABAD, G. **Linda Olinda**. Casal de Cambra: CALEIDOSCOPIO, 2011.

CARTA DE FLORENÇA (1981). In: CURY, Isabelle. (Brasil). **Cartas Patrimoniais**. 2. ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000. p. 253-258. Edições do Patrimônio.

BARRETO, J.; LIRA, F. **Pesquisa histórica como aporte metodológico na atualização da legislação de proteção federal do sítio histórico de Olinda – PE**. Olinda: CECI, 2009.

BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global. **Caderno Ciências da Terra**, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 1-27, 1972.

\_\_\_\_\_. Le paysage entre la nature et la société. **Revue Geographique du Pirénées et du Sudoest**, Toulouse, v. 2, n. 49, p. 239-258, 1978.

IPHAN. **Carta dos Jardins Históricos Brasileiros dita Carta de Juiz De Fora**. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Edições do Patrimônio, 2010.

KOSTER, H. **Viagens ao nordeste do Brasil**. 2. ed. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978.

LAROZE, C. **Une histoire sensuelle des jardins**. Paris: Olivier Orban, 1990.

NOVAES, F. **Olinda**: evolução urbana. Recife: Fundarpe, 1990.

OLINDA. **Reratificação do Polígono de Tombamento do Município de Olinda e seu Entorno, Lei n. 1155/79**. Escritório Técnico de Olinda da 4DR/SHPAN/Pró-Memória e pela Fundação Centro de Preservação Sítio Histórico de Olinda. Olinda, 1985

\_\_\_\_\_. **Legislação Urbanística dos Sítios Históricos de Olinda, Lei n.º 4849/92**. Olinda, 23 de junho de 1992.

OLIVEIRA, M. A. Da paisagem como jardim. Olinda e Ouro Preto. **Arquitextos**, São Paulo, **Vitruvius**, v. 5, n. 125, p. 1-1, 2010.

RIBEIRO, R. W. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

RODRIGUES, J.; DUTRA, M.; ALBUQUERQUE, P.; DIAS, S.; ALMEIDA, A. V. de. Aspectos histórico-ecológicos do Horto d'El Rey de Olinda, Pernambuco. **Revista de Humanidades**, Caicó, v. 7, n. 19, p. 388-413, dez. 2005/jan. 2006.

SABATÉ, J. Paisajes culturales y proyecto territorial. In: NOGUÉ, Joan (Org.). **El paisaje en la cultura contemporánea**. Madrid, 2008. p. 249 -273.

SÁ CARNEIRO, A. R.; SILVA, J. M.; MENESES, P. Carneiro. Proteção dos jardins de Burle Marx e de sua paisagem no Recife. **Revista Leituras Paisagísticas**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 55-72, 2013.

UNESCO. **Operational guidelines for the implementation do the word convention**. 1992. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/archive/opguide11-en.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

**Data de submissão:** 29.01.2013

**Data de aceite:** 13.08.2013

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.